

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 17)

Serra do Pilar, 3 agosto 2017

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Ámen!

P. Senhor, vinde em nosso auxílio!

R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

R. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen!

Leitura do Evangelho de Mateus (8,1-7.10-11)

Os discípulos perguntaram a Jesus: *Quem é o maior no reino dos céus?*

Ele chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse:

Em verdade vos digo: Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus. Quem, portanto, se fizer humilde como este menino, será o maior no reino dos céus. Quem receber um menino como este, em meu nome, é a mim que recebe.

Mas se alguém escandalizar um destes pequeninos, melhor seria que lhe atassem uma mó de moinho ao pescoço e o lançassem nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos! São inevitáveis, é certo, os escândalos! Mas ai daquele por quem vier o escândalo!

Livrai-vos de desprezar um só que seja destes pequeninos, pois que os seus anjos, no céu, digo-vos eu, veem constantemente a face de meu Pai que ali está [e podem, por isso, defendê-los]. Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se tresmalhar, ele não é capaz de deixar as noventa e nove no monte e ir à procura da tresmalhada? E, se a encontrar, em verdade vos digo: alegra-se mais com ela que com as noventa e nove que se não tresmalharam. Assim também é da vontade do vosso Pai que está no céu que não se perca um só destes pequeninos.

Salmo 38 - Oração de um Salmista doente

Tu és Cristo, Filho do Deus vivo, escuta-nos!

Não me repreendas, Senhor, com a tua ira,
nem me castigues com o teu furor.
Feriste-me com as tuas setas
e atiraste-me por terra!

No meu corpo, não ficou nada são;
dos meus ossos, nenhum ficou inteiro;
por causa da tua ira,
por causa das minhas culpas!

Estou afogado no mar dos meus pecados,
eles são carga demasiado pesada para mim;
as minhas chagas são fétidas e purulentas,
por causa da minha loucura!

Todo o dia ando triste, cabisbaixo e deprimido,
estou a arder de febre, tenho todo o corpo doente;
estou fraco e alquebrado,
grito muito alto as queixas do meu coração!

Senhor, tu conheces os meus desejos,
os meus suspiros não são segredo para ti!
O meu coração palpita forte;
até a luz dos olhos, infelizmente, me falta!

Meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça,
os meus parentes conservam-se à distância;
os que querem tirar-me a vida preparam-me armadilhas,
insultam-me os que me querem perder e tramam-me maquinações !

Eu, porém, faço-me de surdo e não dou ouvidos,
simulo mudez e não abro a boca!
Sou como o que não ouve
e não pode falar em sua defesa.

Porque eu confio em ti, Senhor,
e tu me respondes, meu Deus!
Uma coisa te peço: não permitas se riam de mim,
não deixes que zombem, vitoriosos, da minha queda!

Na verdade, eu estou prestes a cair,
a minha dor não me larga um momento.
Vou confessar os meus pecados,
porque eles me enchem de inquietação!

Os meus inimigos mortais são poderosos,
são muitos os que me odeiam sem razão!
Eles pagam-me o bem com o mal
e voltam-se contra mim, que procuro fazer o bem!

Não me abandones, Senhor;
meu Deus, não te afastes de mim;
Senhor, minha Salvação,
socorre-me e salva-me!

Glória ao Pai, o Deus compreensivo,
ao Filho, Jesus, o redentor,
e ao Espírito que transforma os corações
e que é a certeza da nossa Libertação!

Mudai o vosso coração!

Quando Jesus falava do reino de Deus fazia-o para provocar uma resposta. Deus estava a agir. Israel não podia continuar a viver esta nova situação como se nada tivesse acontecido. Essa resposta era necessária não para que chegasse ou se merecesse o seu reino. Deus oferecia o seu amor compassivo a todos sem olhar aos méritos de ninguém. A preocupação de Jesus era outra: como se haveria de responder ao Pai que já estava a agir? Que resposta se deveria dar, aqui e agora, a essa compaixão de Deus? Ele já vivia completamente transformado pelo reino de Deus, mas era também urgente que toda aquela gente escutasse o seu convite e lhe chegasse ao coração.

Jesus confiava totalmente na força salvadora de Deus, mas pensava nos obstáculos e nas resistências com que se deparava a sua palavra. Nem todos estavam abertos a Deus. Fracassaria um dia o seu projeto? Jesus quis explicar como é que ele via as coisas através da parábola de um semeador:

Escutai: o semeador saiu a semear. Enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho e vieram as aves e comeram-na. Outra caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra, e logo brotou, por não ter profundidade de terra; mas, quando o sol se ergueu, foi queimada e, por não ter raiz, secou. Outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, sufocaram-na e não deu fruto. Outra caiu em terra boa e, crescendo e vicejando, deu fruto e produziu a trinta, a sessenta e a cem por um.

Jesus falava de uma realidade que era bem conhecida na Galileia. No outono, os camponeses saíam a semear as suas terras. Em junho, faziam as colheitas. Os que ouviam sabiam bem o que era semear e o que era viver dependentes da futura colheita. Mas, que queria Jesus dizer com isso?

A história conta até ao último pormenor o que acontecia na sementeira. Uma parte da semente caía ao longo do caminho que bordejava o terreno. Não era terra boa e, por isso, a semente nem germinava. Vinham os pássaros e comiam-na imediatamente. Outra parte caía numa zona pedregosa, coberta ligeiramente por alguma terra. A semente chegava a dar um pequeno ar da sua graça, mas pouco mais do que isso. Como não tinha raiz, o sol secava-a. A sementeira tinha demorado mais a perder-se, mas também aqui o trabalho do semeador fora um fracasso. Outra parte caíra entre cardos. Segundo parece, poderia germinar e crescer, mas não chegou a dar fruto porque os cardos, crescendo com mais força, sufocaram-na.

Os ouvintes escutavam-no preocupados. Valeria a pena continuar a semear? Não poderia encontrar aquele semeador um terreno melhor? Mas Jesus continuava o seu discurso. Apesar de tantos fracassos, a maior parte da semente tinha caído em boa terra. A planta crescia, desenvolvia-se e dava fruto, trinta, sessenta e até cem por um. Em determinados terrenos, a sementeira fora um fracasso; noutros tinha sido um êxito. Mas, apesar dos fracassos, no fim, o semeador podia dispor de uma boa colheita. As pessoas começavam a "perceber". Jesus fazia como os agricultores. Ao fazerem a sementeira, todos sabiam que uma parte da semente se perderia, mas isso não desanimava ninguém. O importante era a colheita no fim. Com o reino de Deus acontecia uma coisa semelhante. Obstáculos e resistências não faltariam, mas a força de Deus produziria o seu fruto. Jesus estava a semear. Naquele momento, o que era preciso era corresponder.

Mas, qual era a resposta que Jesus exigia? Contra todas as expectativas, ele nunca convidava as pessoas a fazer penitência ou a

fazer rituais e gestos tão do agrado dos profetas. Ninguém o ouviu falar de jejum, cinza ou vestes de luto. Não era isso o que esperava esse Deus tão ternurento que esperava a todos de braços abertos. O seu chamamento ultrapassava a penitência convencional. Também não convidava a voltar de novo para a lei. Nem se dirigia somente aos pecadores, para que retomassem a observância e se juntassem àqueles que eram cumpridores. Era também aos justos que acenava. Para poderem "entrar" no reino de Deus era forçoso que todos fizessem uma mudança, não em atitude penitencial, mas movidos pela alegria e pela surpresa do amor indescritível de Deus.

Não se podia esperar. O reino de Deus estava mesmo a chegar. Era preciso "entrar" já na sua dinâmica. Ninguém podia ficar de fora. Jesus não fazia um convite à penitência nacional de todo o Israel, como o Baptista, e também não pensava num grupo especial. Era preciso que a Boa Notícia chegasse a todos. Todos estavam convidados a acreditar. No reino de Deus não se deparariam com um novo código de leis por que haviam de reger a vida, mas com um horizonte novo que iria transformando o mundo segundo a vontade de Deus.

No reino de Deus só se poderia entrar com um "coração novo", com a disposição de obedecer a Deus desde as profundezas do ser. Era essa transformação radical que era decisiva. Deus queria reinar no mais íntimo das pessoas, nesse núcleo interior onde se tomam as decisões mais profundas no pensamento e na conduta. Na perspectiva de Jesus, o mundo nunca chegaria a ser humano se não se operasse no coração das pessoas uma reviravolta radical. Em parte alguma se construiria uma vida como era do agrado de Deus se as pessoas não mudassem interiormente. *O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o que é bom; e o mau, do mau tesouro tira o que é mau.* E Jesus ilustrava o seu discurso com umas imagens claras e penetrantes: *Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto (...). Não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abrolhos.* Jesus queria chegar ao coração das pessoas. O reino de Deus tinha que transformar toda a gente a partir da raiz. Só os homens e as mulheres de coração novo fariam um mundo novo.

Jesus empregava uma linguagem original para se referir à atitude fundamental no acolhimento de Deus. A alguns adultos podia parecer-lhes um insulto. Jesus exigia-lhes que se "tornassem crianças". O que é que ele queria dizer com isso? A "criança" era um arquétipo usado de maneiras diferentes nas diversas culturas: metáfora universal para falar da confiança nos pais, inocência, humildade, sinceridade e muitas outras coisas. Jesus, por seu lado, nunca idealizava as crianças. Conhecia bem aqueles meninos e meninas desnutridas que saltitavam à volta dele e dos seus

seguidores. Talvez até soubesse também que no Império havia meninos e, sobretudo, meninas, que, logo ao nascerem, eram abandonadas pelos pais e recolhidas mais tarde das lixeiras para serem escravas. Tal não era o costume entre os judeus, mas, entre aquelas famílias pobres da Galileia, a criança não era só uma bênção de Deus. Era também mais uma boca para sustentar.

Na Galileia dos anos trinta, ser criança equivalia a não ser ninguém: uma criatura frágil e carente, dependente totalmente de seus pais. Era este provavelmente o ponto de partida da metáfora de Jesus. Por isso, dizia: *Deixai vir a mim os pequeninos e não os afasteis, porque o Reino de Deus pertence aos que são como eles.* O reino de Deus era pertença deles, simplesmente por serem os mais fracos e os mais carenciados, como, de resto, acontecia com os mendigos, os famintos e todos os que sofriam. Por isso, Jesus, movido por esse Deus, acolhia-os, abençoava-os e estreitava-os nos seus braços. Jesus vivia e incarnava o reino de Deus no acolhimento dos últimos. Mas não se ficava por ali; ia mais longe: *Em verdade vos digo: quem não receber o Reino de Deus como um pequenino não entrará nele.* O caminho para entrar no reino de Deus era tomar-se criança. Deixar-se abraçar por Deus como aquelas crianças que se deixavam abraçar com alegria. Diante de Deus, era preciso ser de uma maneira diferente de como eram ordinariamente os adultos, que quase sempre andavam à procura de poder, grandeza, honra ou riquezas. Aquela linguagem de Jesus a pedir aos adultos que fossem "como crianças" sugeria alguma coisa mais do que uma mera mudança de atitude. Jesus pedia-lhes um começo novo, o início de uma nova personalidade.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pág. 252-256)

Oremos (...)

Abre-nos, ó Pai, os olhos da cara, da inteligência e do coração
para distinguirmos o que vale e o que não vale,
o que vale muito e o que não vale nada ou vale pouco,
para que as miragens do deserto não nos enganem
e para que o Tesouro do teu Reino
o amemos com todo o coração.

Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que nos anima!

Âmen!